

## A presença da mulher negra na universidade pública brasileira: de quem estamos falando?<sup>1</sup>

*The presence of black women in brazilian public universities: whom are we talking about?*

Douglas Manoel Antonio de Abreu Pestana dos Santos<sup>2</sup>

**Resumo:** Uma questão que se envolve neste artigo é como se pode observar a evolução da presença das mulheres na universidade pública brasileira, considerando os desafios e conquistas ao longo dos anos? O objetivo geral deste estudo é analisar a presença das mulheres na universidade pública brasileira, destacando seus desafios, conquistas e evolução ao longo do tempo. A pesquisa mostra que as mulheres, ao enfrentarem a tríplice jornada (trabalho doméstico não remunerado, trabalho remunerado e estudos acadêmicos), enfrentam obstáculos adicionais em sua vida acadêmica e pessoal. Iniciativas de equidade de gênero podem ser eficazes em promover uma maior participação feminina nas universidades públicas brasileiras. Os resultados desta discussão revelam uma melhoria significativa na presença de mulheres na universidade pública brasileira ao longo dos anos. Entretanto, muitas ainda enfrentam desafios na conciliação da tríplice jornada. As iniciativas de equidade de gênero demonstraram impacto positivo, facilitando uma maior participação feminina. Este estudo tem implicações profundas tanto no contexto acadêmico quanto no social. Destaca-se a necessidade contínua de promover a equidade de gênero no ensino superior e de criar ambientes mais inclusivos para as mulheres. Evidencia a importância de políticas e iniciativas que possam ajudar as mulheres a superarem os desafios da tríplice jornada e alcançar sucesso acadêmico.

**Palavras-chave:** Mulheres. Universidade Pública. Tríplice Jornada. Equidade de Gênero. Brasil.

**Abstract:** One of the questions involved in this article is how can we observe the evolution of the presence of women in Brazilian public universities, considering the challenges and achievements over the years? The general objective of this study is to analyze the presence of women in Brazilian public universities, highlighting their challenges, achievements and evolution over time. The research shows that as women face the triple journey (unpaid domestic work, paid work and academic studies), they face additional obstacles in their academic and personal lives. Gender equity initiatives can be effective in promoting greater female participation in Brazilian public universities. The results of this discussion reveal a significant improvement in the presence of women in Brazilian public universities over the years. However, many still face challenges in reconciling the triple journey. Gender equity initiatives have had a positive impact, facilitating greater female participation. This study has profound implications for both the academic and social contexts. It highlights the continuing need to promote gender equity in higher education and to create more inclusive environments for women. It highlights the importance of policies and initiatives that can help women overcome the challenges of the triple journey and achieve academic success.

**Keywords:** Women, Public University. Triple Journey. Gender Equity. Brazil.

---

<sup>1</sup> Artigo fruto das reflexões feitas com os pesquisadores da Cátedra Otavio Frias Filho de Estudos em Comunicação, Democracia e Diversidade IEA/USP em 2023.

<sup>2</sup> Doutor em Ciências da Educação pelo Absoulute Christian University - ACU.. Membro da Cátedra Otavio Frias Filho de Estudos em Comunicação, Democracia e Diversidade da Universidade de São Paulo - USP. ORCID: [0000-0002-1861-0902](https://orcid.org/0000-0002-1861-0902). E-mail: [dpestana@usp.br](mailto:dpestana@usp.br)



## A presença da mulher negra na universidade pública brasileira: de quem estamos falando?

Douglas Manoel Antonio de Abreu Pestana dos Santos

### Introdução

Não acredito que seja saudável escolher uma luta e dizer que é mais importante do que outra, mas sim, em reconhecer como as diferentes lutas se conectam. Angela Davis<sup>3</sup> (2019).

A presença das mulheres negras nas universidades públicas brasileiras tem sido uma área de estudo e debate constante ao longo dos últimos anos. Desde a conquista do direito à educação superior, as mulheres têm desempenhado um papel fundamental no ensino superior do Brasileiro. No entanto, a trajetória dessas mulheres não é isenta de desafios, especialmente quando se trata da tríplice jornada que muitas enfrentam: o trabalho doméstico não remunerado, o trabalho remunerado e os estudos acadêmicos. Este artigo procura entender a presença das mulheres negras na universidade pública brasileira, destacando os desafios que enfrentam e as conquistas alcançadas ao longo do tempo.

Hoje, a tríplice jornada enfrentada pelas mulheres na universidade pública brasileira é um fenômeno complexo e multifacetado. O trabalho doméstico não remunerado muitas vezes recai sobre os ombros das mulheres, incluindo tarefas como cuidar dos filhos, repetindo tarefas domésticas e apoiar a família. Esse trabalho, embora crucial, frequentemente é invisibilizado e não é reconhecido como uma contribuição significativa para a sociedade.

Além do trabalho doméstico, muitas mulheres também se dedicam a empregos remunerados para contribuir com a renda familiar ou para financiar seus estudos. Essa tríplice jornada de trabalho pode ser exaustiva e afetar negativamente o desempenho acadêmico das mulheres. A necessidade de equilibrar essas responsabilidades pode levar a altos níveis de estresse e exaustão, o que, por sua vez, pode prejudicar o bem-estar das mulheres.

Apesar dos desafios, as mulheres têm conquistado avanços significativos na universidade pública brasileira. Elas têm se destacado em várias áreas de estudo,

---

<sup>3</sup> Questionada em uma entrevista coletiva sobre ser possível escolher apenas uma das pautas pelas quais ela luta, e deu como resposta a enfática proposição fazendo referência às lutas que não são uma ou duas, mas muitas diariamente vivida por mulheres negras em todo o mundo.



## **A presença da mulher negra na universidade pública brasileira: de quem estamos falando?**

Douglas Manoel Antonio de Abreu Pestana dos Santos

ocupando posições de liderança em universidades e contribuindo para a pesquisa e o desenvolvimento acadêmico do país. Além disso, têm surgido iniciativas e políticas que buscam apoiar as mulheres que enfrentam a tríplice jornada. Programas de bolsas de estudo, creches universitárias e medidas de flexibilização acadêmica têm sido implementados em algumas instituições para ajudar a aliviar o fardo das estudantes.

É urgente, de uma vez por todas, reconhecer que a promoção da equidade de gênero no ensino superior é fundamental para garantir que as mulheres tenham igualdade de oportunidades e acesso à educação de qualidade, e isso obviamente nos dois pontos: como alunas e professoras. Além disso, é igualmente imperativo reconhecer que a promoção da equidade racial no ensino superior desempenha um papel igualmente vital para garantir uma sociedade verdadeiramente justa e inclusiva. A diversidade racial não apenas enriquece o ambiente acadêmico, mas também é fundamental para superar barreiras históricas de discriminação e desigualdade. Portanto, ao lado da busca pela equidade de gênero, a promoção de políticas e iniciativas que assegurem a representatividade e igualdade racial no ensino superior é essencial para forjar um sistema educacional que seja um reflexo verdadeiro e inclusivo da sociedade em que estamos inseridos.

É importante lembrar das palavras de Venturini (2021) ao dizer que:

O ensino superior tem como responsabilidade não só a formação de profissionais, como também auxiliar na melhoria dos aspectos científicos e culturais do país, o que contribui para o fortalecimento das instituições democráticas, para o desenvolvimento socioeconômico e para a redução das desigualdades. Para que as instituições de ensino superior possam cumprir essa missão, é fundamental que o acesso ao ensino superior não seja restrito a determinados grupos e classes sociais.

A tríplice jornada imposta a essas mulheres é uma manifestação clara das desigualdades de gênero que persistem em nossa sociedade. É um reflexo das expectativas sociais que recaem sobre as mulheres, que muitas vezes são esperadas para desempenhar papéis tradicionais de cuidadoras e mantenedoras do lar, ao mesmo tempo em que buscam alcançar seus objetivos educacionais e profissionais.



## **A presença da mulher negra na universidade pública brasileira: de quem estamos falando?**

Douglas Manoel Antonio de Abreu Pestana dos Santos

O processo de escolarização dessas mulheres com tríplice jornada de trabalho diária é um desafio notável e isso não pode ser romantizado ou visto de modo reducionista. A capacidade de equilibrar essas múltiplas esferas de suas vidas é um feito admirável e, ao mesmo tempo, um sinal de resiliência e determinação.

As questões sobre as vivências e estratégias empregadas por essas mulheres e suas famílias para obter um diploma universitário são cruciais para compreender como a educação superior se relaciona com a vida cotidiana dessas mulheres. Como elas conseguem superar as barreiras impostas por essa tríplice jornada? A inter-relação entre os sujeitos da educação e seus microcosmos profissional, familiar e escolar é um ponto fundamental de análise. Essas diferentes esferas de suas vidas não existem isoladamente, mas sim entrelaçam-se e moldam-se mutuamente de maneira complexa.

O ambiente acadêmico exerce um impacto significativo no desempenho dos indivíduos no mercado de trabalho, e vice-versa. A educação formal, frequentemente, desempenha um papel crucial na capacitação para as demandas do mercado profissional. Por sua vez, as experiências profissionais podem enriquecer o aprendizado acadêmico, fornecendo contextos práticos e aplicação de conhecimento. Portanto, compreender como essas esferas se interconectam é essencial para avaliar a trajetória educacional e profissional dos sujeitos.

Além disso, as relações familiares e a dinâmica doméstica desempenham um papel fundamental na jornada educacional. O apoio familiar pode ser um fator motivador para o sucesso acadêmico, enquanto conflitos ou responsabilidades familiares adicionais podem criar desafios para a consecução de metas educacionais. Assim, investigar como as relações familiares influenciam a esfera educacional ajuda a compreender de que maneira os sujeitos equilibram suas vidas pessoais e educacionais.

Dessa forma, a análise aprofundada da interação entre essas esferas de vida dos sujeitos da educação se torna essencial para uma compreensão holística de suas jornadas. As influências recíprocas entre os ambientes acadêmico, profissional e familiar



## **A presença da mulher negra na universidade pública brasileira: de quem estamos falando?**

Douglas Manoel Antonio de Abreu Pestana dos Santos

são fundamentais para criar políticas e estratégias educacionais que sejam mais eficazes e adaptadas à realidade dos indivíduos.

### **E o racismo nesse entremeio?**

A reflexão sobre a influência das mulheres negras na teoria feminista, como apresentada por Bell Hooks em seu livro *Mulheres Negras Moldando a Teoria Feminista* (2015), é essencial para compreender não apenas a evolução do pensamento feminista, mas também as complexas interseções de raça, gênero e classe na luta por igualdade de gênero. O termo de *mover da margem ao centro* é um conceito poderoso que revela como as vozes das mulheres negras historicamente excluídas estão ganhando o reconhecimento que merecem no feminismo.

Ao entendermos a realidade brasileira, percebemos que as mulheres negras têm sido historicamente marginalizadas e enfrentam desigualdades sistêmicas. A ideia de *mover da margem ao centro*, como proposta por bell hooks, se alinha diretamente com a necessidade de destacar as vozes e as experiências das mulheres negras, que frequentemente são subestimadas ou negligenciadas.

No Brasil, as mulheres negras desempenham um papel crucial na luta por igualdade de gênero e suas experiências são fundamentais para uma compreensão mais completa do feminismo e das complexas interseções entre raça, gênero e classe. O movimento feminista brasileiro deve reconhecer e incorporar essas perspectivas para ser verdadeiramente inclusivo e eficaz na busca por justiça e equidade.

O trabalho de Bell Hooks e a reflexão sobre a influência das mulheres negras na teoria feminista fornecem um caminho importante para que o feminismo no Brasil reconheça as diversidades e lute por uma igualdade de gênero mais abrangente e representativa. É uma oportunidade de evoluir o pensamento feminista e fortalecer a luta por justiça social em um país tão diverso e multifacetado como o Brasil.



## A presença da mulher negra na universidade pública brasileira: de quem estamos falando?

Douglas Manoel Antonio de Abreu Pestana dos Santos

A metáfora *margem-centro*<sup>4</sup> no pensamento feminista negro dos Estados Unidos pré-interseccionalidade é emblemática da luta das mulheres negras para serem ouvidas e consideradas em pé de igualdade com as mulheres brancas na discussão sobre gênero. Essas formulações iniciais estabeleceram as bases para um debate crucial sobre o ponto de vista das mulheres negras, que, por sua vez, contribuíram para o desenvolvimento de teorias perspectivistas.

É alarmante notar que, por muito tempo, as mulheres brancas que dominaram o discurso feminista raramente questionaram se suas perspectivas eram realmente representativas das experiências de todas as mulheres. A omissão em relação às questões de raça e classe revela uma falta de consciência em relação aos preconceitos inerentes. Embora tenha havido uma crescente disposição para abordar essas questões em sala de aula nos últimos anos, o racismo por omissão ainda persiste em muitos textos feministas brancos.

A recusa do feminismo em chamar a atenção para as hierarquias raciais e combatê-las mina a possibilidade de uma verdadeira conexão entre mulheres de diferentes origens étnicas e raciais. Essa recusa suprime a compreensão das interseções entre raça e classe, que são fundamentais para a compreensão das disparidades sociais e econômicas enfrentadas por diversas comunidades de mulheres.

No contexto brasileiro, figuras como Sueli Carneiro (2003a) e Luiza Bairros (1995), jogam luz ao racismo presente no feminismo branco, destacando a necessidade de reconhecer e abordar essas questões. Suas análises críticas têm destacado o racismo presente no feminismo branco e apontado para a necessidade premente de reconhecer e abordar essas questões. A discussão proposta por essas autoras se alinha diretamente com a reflexão de bell hooks sobre *mover da margem ao centro*, enfatizando a

---

<sup>4</sup> A metáfora "margem-centro" é uma figura de linguagem frequentemente usada para descrever a relação entre a periferia e o núcleo de alguma entidade, seja geográfica, social, política ou simbólica. Ela é comumente usada para representar a diferença entre áreas ou grupos externos (margem) e o ponto central ou dominante (centro).



## **A presença da mulher negra na universidade pública brasileira: de quem estamos falando?**

Douglas Manoel Antonio de Abreu Pestana dos Santos

importância de dar voz e visibilidade às experiências das mulheres negras historicamente marginalizadas.

No cenário internacional, intelectuais negras como Patrícia Hill Collins (2009), Bell Hooks (2015) e Angela Davis (2016), demonstraram as dinâmicas do silenciamento das mulheres negras nos Estados Unidos. As autoras também desempenham um papel crucial na demonstração das dinâmicas do silenciamento das mulheres negras nos Estados Unidos. Suas contribuições para a teoria feminista enfatizam a necessidade de reconhecer as interseções de raça e gênero e questionar o feminismo tradicional que muitas vezes falha em representar as experiências das mulheres negras.

Na Europa, feministas negras como Nura Yval-Davis (2006) e Hazel Carby (1982) também desvendaram os padrões de silenciamento das *women of color*. Suas reivindicações estão centradas na necessidade de fazer um recuo deliberado, permitindo que aquelas que historicamente estiveram nas margens venham ao centro e reivindiquem suas próprias experiências e saberes em primeira pessoa, buscando autonomia.

A conexão entre esses trabalhos e a reflexão de Bell Hooks sobre a mudança do foco *da margem ao centro* é evidente. Todas essas intelectuais, tanto no contexto brasileiro quanto no internacional, destacam a importância de dar voz e espaço às experiências das mulheres negras, que frequentemente foram negligenciadas, silenciadas e marginalizadas. Suas contribuições coletivas ressaltam a necessidade urgente de um feminismo mais inclusivo e interseccional, que reconheça a diversidade de vivências das mulheres e promova a igualdade de gênero de forma mais abrangente e representativa.

Defende-se neste artigo a evidente contribuição das mulheres negras para a teoria feminista é essencial para construir um feminismo verdadeiramente inclusivo e interseccional. Essas vozes desafiadoras e críticas estão moldando o futuro do movimento feminista, tornando-o mais consciente das complexidades das desigualdades sociais e mais capacitado para promover uma verdadeira igualdade de gênero.



## **A presença da mulher negra na universidade pública brasileira: de quem estamos falando?**

Douglas Manoel Antonio de Abreu Pestana dos Santos

A estratégia interseccional desenvolvida pelo ativismo intelectual feminista negro é fundamental para entender a complexidade das experiências das mulheres. Para compreender essa estratégia de forma mais profunda, é crucial analisar o conceito de matriz de dominação.

Para Patrícia Hill Collins (2019, 57) a matriz de dominação é um conceito que destaca como várias formas de opressão e discriminação, como raça, gênero, classe social, orientação sexual, entre outras, se entrelaçam e se combinam para moldar a experiência de uma pessoa em sociedade. Em outras palavras, a matriz de dominação reconhece que uma pessoa não enfrenta apenas uma única forma de opressão, mas sim uma teia complexa de opressões interconectadas.

Nesse contexto, a estratégia interseccional busca entender essas múltiplas formas de opressão de forma integrada. Ela reconhece que as experiências das mulheres negras não podem ser compreendidas apenas a partir da lente do racismo ou do sexismo, mas sim a partir de uma perspectiva que leve em consideração como essas formas de opressão se sobrepõem e se amplificam.

Por exemplo, uma mulher negra não enfrenta apenas o racismo, mas também o sexismo. Ela pode enfrentar desafios específicos relacionados ao seu gênero, como o sexismo sistêmico, enquanto também lida com o racismo estrutural que afeta todas as pessoas negras. Além disso, sua classe social, orientação sexual e outras identidades podem adicionar camadas adicionais de opressão.

Concordando com Rodrigues (2006) e Moreira (2007) sobre a estratégia interseccional, ou seja, destacar a complexidade das experiências das mulheres negras e reconhecer que não existe uma única narrativa que as defina, enfatiza a importância de ouvir e dar voz às experiências diversas dentro desse grupo. Além disso, essa estratégia promove a solidariedade entre diferentes grupos oprimidos, reconhecendo que as lutas contra o racismo, o sexismo, a homofobia e outras formas de opressão estão interconectadas.





## A presença da mulher negra na universidade pública brasileira: de quem estamos falando?

Douglas Manoel Antonio de Abreu Pestana dos Santos

Ao compreender o conceito de matriz de dominação e aplicá-lo ao ativismo do feminista negro, torna-se evidente porque a estratégia interseccional é tão relevante e necessária. Ela nos ajuda a reconhecer a interconexão das formas de opressão e a desenvolver abordagens mais inclusivas e eficazes para a luta por justiça social e igualdade. A matriz de dominação nos ensina que as experiências das pessoas são moldadas por uma complexa interação de fatores, e a estratégia interseccional é uma ferramenta valiosa para abordar essa complexidade de maneira holística e eficaz.

Patrícia Hill Collins (2019, 57) nos ensina que:

[...] a ideia de matriz de dominação se refere ao modo como essas opressões interseccionais são de fato organizadas. Independentemente das intersecções específicas em questão, domínios de poder estruturais, disciplinares, hegemônicos e interpessoais reaparecem em formas bastante diferentes de opressão.

Neste diapasão, é possível dizer que a interseccionalidade reconhece que as experiências das pessoas são moldadas por várias formas de opressão interconectadas, incluindo raça, gênero, classe social e muito mais. Essas múltiplas opressões não podem ser analisadas isoladamente; em vez disso, elas se entrelaçam para criar uma complexa teia de poder e discriminação.

As imagens de controle são representações ideológicas que justificam a perpetuação das mulheres negras em posições de subordinação. Essas representações são uma resposta ideológica à resistência histórica das mulheres negras ao racismo e ao sexismo. Quando as mulheres negras assertivamente buscam soluções para a violência racial e de gênero que enfrentam, as ideologias dominantes reagem para manter o *status quo*.

A dimensão representacional da interseccionalidade, como discutida pelas autoras, está relacionada à forma como as mulheres negras são retratadas e representadas em imagens culturais, particularmente na mídia e na cultura popular. Essa dimensão busca analisar como a identidade de gênero e a raça se entrelaçam na representação das mulheres negras e como isso afeta sua percepção e experiência na sociedade.



## A presença da mulher negra na universidade pública brasileira: de quem estamos falando?

Douglas Manoel Antonio de Abreu Pestana dos Santos

Quando se menciona a articulação do pensamento de Kimberlé Crenshaw, autora da teoria da interseccionalidade, com o conceito de *imagens de controle* de Patrícia Hill Collins, a ideia é que a representação das mulheres negras nas imagens culturais muitas vezes serve como uma forma de controle social. As *imagens de controle* referem-se a estereótipos e representações que justificam a manutenção das mulheres negras em posições de subordinação e desigualdade. Essas imagens perpetuam ideias que sustentam a marginalização e a discriminação dessas mulheres.

Especificamente, no campo audiovisual, como o cinema e a televisão, são criadas e disseminadas imagens que reforçam estereótipos prejudiciais sobre as mulheres negras. Essas imagens contribuem para a construção de narrativas que justificam a subordinação e a exploração das mulheres negras na sociedade. Para que a subordinação desse grupo continue, é necessário que existam ferramentas ideológicas robustas que justifiquem e perpetuem esse panorama desigual.

Portanto, as autoras estão chamando a atenção para o poder das representações culturais na manutenção das desigualdades e na justificação da subordinação das mulheres negras. Elas argumentam que é fundamental desafiar e desconstruir essas imagens de controle para promover uma compreensão mais precisa e justa das experiências das mulheres negras e, assim, combater o racismo e o sexismo sistêmicos.

A persistência das imagens de controle nas mídias e na linguagem é parte de uma estratégia ideológica que busca naturalizar o racismo, o sexismo, a pobreza e outras formas de injustiça social, fazendo com que pareçam partes inevitáveis da vida cotidiana. Isso é particularmente evidente nas representações estereotipadas e prejudiciais das mulheres negras na cultura popular.

A interseccionalidade, como ferramenta analítica, reconhece que a luta contra a opressão deve levar em consideração a complexidade das identidades e das experiências das pessoas. Ela não é um conceito estático, mas sim uma construção em constante evolução. Suas características inconsistentes e ambíguas não são vistas como negativas, mas como reflexo de sua natureza em desenvolvimento.



## A presença da mulher negra na universidade pública brasileira: de quem estamos falando?

Douglas Manoel Antonio de Abreu Pestana dos Santos

Ao usar a interseccionalidade como ferramenta analítica, o pensamento político das mulheres negras considera a agência individual e coletiva das mulheres negras. Isso inclui a valorização e a validação dos saberes de resistência e de conhecimentos de oposição produzidos por essas mulheres. Esses saberes transcendem as fronteiras acadêmicas e são mobilizados como ferramentas de análise e formulação de agendas de resistência.

O feminismo negro tem desafiado o feminismo branco ao denunciar o racismo presente em suas práticas e ao destacar a omissão das contribuições das mulheres negras. Isso tem levado a uma mudança no pensamento e nas práticas das feministas brancas, à medida que começam a reconhecer a importância de abordar o racismo de forma mais significativa.

Não se pode fechar os olhos para o reconhecimento das representações e as opressões enfrentadas pelas mulheres negras, bem como para desafiar as estruturas de poder que perpetuam essas opressões. Eles nos lembram da importância de reconhecer a diversidade das experiências humanas e de combater ativamente as imagens de controle que sustentam as desigualdades sociais.

### **O epistemicídio que invalida o Nós e o Todo**

A tese de Sueli Carneiro (2005) é profundamente impactante, pois desvela as complexas interações entre o *epistemicídio* e o conceito de *biopoder*<sup>5</sup>, lançando luz sobre as estruturas de poder que moldam nossa compreensão do conhecimento e da

---

<sup>5</sup> O termo *biopoder* se origina nas obras do filósofo Michel Foucault e descreve o poder exercido sobre os corpos e vidas das pessoas em uma sociedade. Sueli Carneiro conecta o conceito de *biopoder* ao *epistemicídio* ao argumentar que o conhecimento é uma ferramenta de poder que é utilizada para regular e controlar as vidas das pessoas. No contexto da sua tese, o *biopoder* age por meio do controle das narrativas, do saber e da representação, reforçando desigualdades e mantendo as estruturas de poder existentes. Assim, a tese de Sueli Carneiro ressalta como as mulheres negras são vítimas do *epistemicídio*, ou seja, têm seus saberes, experiências e conhecimentos sistematicamente apagados e subjugados pela sociedade. Ela argumenta que o *biopoder* opera por meio do controle do conhecimento e da representação, perpetuando assim as desigualdades de gênero e raça. Carneiro chama a atenção para a urgência de desafiar essas dinâmicas, dar voz às mulheres negras e reconhecer seu papel fundamental na produção de conhecimento e na luta contra a opressão.



## **A presença da mulher negra na universidade pública brasileira: de quem estamos falando?**

Douglas Manoel Antonio de Abreu Pestana dos Santos

identidade racial. Em seu trabalho, Carneiro destaca a maneira como o epistemicídio atua como uma ferramenta insidiosa de controle, marginalizando e silenciando as vozes negras enquanto simultaneamente consolida a supremacia intelectual da racialidade branca.

O epistemicídio, como descrito por Carneiro, revela-se uma estratégia de opressão intelectual que se assemelha ao assassinato da razão, onde o conhecimento produzido por pessoas negras é sistematicamente subjugado.

A anulação da pessoa negra como sujeito de conhecimento é uma manifestação do poder racial, onde o conhecimento é uma ferramenta fundamental de controle e legitimação do sistema. Ao associar o epistemicídio ao conceito de biopoder, Carneiro enfatiza como a supressão do conhecimento e da voz das pessoas negras está intrinsicamente ligada à perpetuação das hierarquias raciais.

O epistemicídio atua não apenas como uma estratégia de subjugação intelectual, mas também como um instrumento operacional para a manutenção das estruturas de poder racialmente desiguais.

É justo endossar, por tanto, a importância de entender o racismo não apenas como preconceito individual, mas como um sistema de opressão profundamente enraizado que molda todas as esferas da sociedade, incluindo o acesso ao conhecimento. A conexão entre epistemicídio e a marginalização da categoria de interseccionalidade enfatiza como as lutas contra a opressão racial muitas vezes são simplificadas ou negligenciadas quando não levam em consideração as múltiplas formas de discriminação que as pessoas enfrentam. Carneiro nos lembra que o conhecimento não é neutro e que a narrativa dominante muitas vezes perpetua a supremacia branca, enquanto apaga as contribuições e perspectivas das pessoas negras.

No entanto, é importante observar que, embora a discussão sobre interseccionalidade tenha ganhado destaque nas últimas décadas, ainda pode ser marginalizada em muitos contextos. A marginalização da interseccionalidade ocorre quando as lutas contra a opressão são frequentemente simplificadas, fragmentadas ou



## **A presença da mulher negra na universidade pública brasileira: de quem estamos falando?**

Douglas Manoel Antonio de Abreu Pestana dos Santos

reduzidas a uma única dimensão, ignorando as complexas interações entre as várias formas de discriminação. Isso pode acontecer por várias razões, incluindo falta de compreensão, resistência a mudanças de paradigmas ou a manutenção de estruturas de poder existentes.

É importante enfatizar que a marginalização da interseccionalidade prejudica a capacidade de abordar de maneira eficaz a opressão sistêmica. Para enfrentar a discriminação de forma abrangente e justa, é crucial considerar as múltiplas identidades e as interações entre elas. Ignorar a interseccionalidade pode resultar na invisibilidade das experiências daqueles que enfrentam múltiplas formas de discriminação, incluindo as mulheres negras, e na perpetuação de desigualdades estruturais.

Portanto, enquanto a discussão sobre interseccionalidade tem ganhado terreno, é essencial continuar a promovê-la e garantir que ela seja central na abordagem das questões de opressão e discriminação racial, de gênero e de outras formas. Isso implica reconhecer as experiências diversificadas das pessoas e as interações complexas de suas identidades, a fim de promover uma sociedade mais justa e inclusiva.

É preciso ainda jogar luz para a importância da desconstrução dessas estruturas de poder e da criação de espaços para que as vozes e o conhecimento das pessoas negras sejam reconhecidos e valorizados. Isso deve nos instigar a questionar quem detém o poder de produzir, articular e legitimar o conhecimento em nossa sociedade e a reconhecer como isso está intrinsecamente ligado ao racismo.

A desconstrução das estruturas de poder e a valorização das vozes e conhecimentos das pessoas negras estão intimamente conectadas com a tríplice jornada mencionada no início do texto. A tríplice jornada, que envolve o equilíbrio entre o trabalho doméstico não remunerado, o trabalho remunerado e a busca de educação e crescimento pessoal, é um fator crucial na vida das mulheres, especialmente das mulheres negras.

A desconstrução das estruturas de poder e a promoção da equidade de gênero e racial são fundamentais para aliviar as cargas desproporcionais que recaem sobre as



## **A presença da mulher negra na universidade pública brasileira: de quem estamos falando?**

Douglas Manoel Antonio de Abreu Pestana dos Santos

mulheres negras. As estruturas de poder historicamente marginalizaram as mulheres negras, subvalorizando seu trabalho e conhecimento. Essa marginalização está intrinsecamente ligada ao racismo sistêmico e sexismo, que perpetuam as desigualdades sociais.

Portanto, reconhecer e valorizar as vozes e conhecimentos das mulheres negras implica em dar importância à sua experiência e luta, e em criar espaços onde suas contribuições sejam reconhecidas e respeitadas. Isso não só promove a justiça e a igualdade, mas também pode aliviar a pressão da tríplice jornada, tornando mais acessível o crescimento pessoal e acadêmico.

Assim, a luta contra as estruturas de poder que marginalizam as mulheres negras se relaciona diretamente com a necessidade de abordar a tríplice jornada, uma vez que ambas as questões estão enraizadas nas desigualdades sistêmicas que afetam as mulheres, especialmente as mulheres negras.

A pessoa negra na universidade e em todos os espaços de poder é frequentemente desafiada a enfrentar o epistemicídio como parte integrante da luta contra o racismo e a trabalhar para construir uma sociedade mais inclusiva e justa, onde todas as perspectivas e formas de conhecimento sejam respeitadas e valorizadas.

A Presença da Mulher negra na universidade deve ser observada para além do que a sociedade chama de "direitos" que em alguma medida é travestida de alguma ação que deslegitima a figura feminina dentro desses espaços. É urgente refletir sobre a universidade como um espaço de sofrimento racial que é difícil de ser compreendido e abordado dentro das próprias estruturas que a universidade produz.

Existem várias notas que precisam ser mais bem observadas pelos acadêmicos e sobretudo que reverberem em efetivas políticas públicas:

*Sufrimento racial na universidade:* É preciso entender que a universidade não é um espaço neutro, mas sim um local onde o sofrimento racial ocorre. Isso pode ser resultado de preconceitos, discriminação, falta de representação e outras formas de violência epistêmica que afetam as pessoas racialmente marcadas.



## **A presença da mulher negra na universidade pública brasileira: de quem estamos falando?**

Douglas Manoel Antonio de Abreu Pestana dos Santos

*Limitações da academia em lidar com o sofrimento racial:* é válido observar que as ferramentas e estruturas da própria academia muitas vezes não são adequadas para abordar ou elucidar o sofrimento racial. Isso pode ser devido à falta de representação racial, perspectivas limitadas ou mesmo resistência à mudança dentro das instituições acadêmicas.

*Redes de tradução e autorização:* é indubitável reconhecer que para as experiências das pessoas racialmente marcadas sejam consideradas legítimas, elas muitas vezes precisam ser traduzidas ou representadas por pessoas com "competências de tradução autorizadas", geralmente brancas. Isso destaca a dinâmica de poder na academia.

*Deslocamento das urgências de reconstrução:* neste ponto é oportuno uma crítica sobre como as disciplinas das humanidades têm forçado estudantes negras a se deslocarem das suas urgências de reconstrução de suas próprias identidades e lugares de enunciação. Isso pode resultar em uma perda da voz das experiências subalternas.

Os muitos desafios enfrentados pelas Mulheres racialmente marcadas na academia, onde as estruturas existentes muitas vezes perpetuam o sofrimento racial e limitam a expressão autêntica das experiências subalternas. Questiona-se, portanto, como questões importantes sobre como a academia pode ser transformada para abordar de maneira mais eficaz o sofrimento racial e promover a diversidade, inclusão e representação adequada.

As muitas barreiras enfrentadas por mulheres racialmente marcadas na academia, onde as estruturas existentes muitas vezes perpetuam o sofrimento racial e limitam a expressão autêntica das experiências subalternas, são um reflexo das complexas interações entre as diferentes esferas de suas vidas. Questões importantes sobre como a academia pode ser transformada para abordar de maneira mais eficaz o sofrimento racial e promover a diversidade, inclusão e representação adequada são inseparáveis das estratégias que essas mulheres empregam para superar as barreiras impostas por sua tríplice jornada.



## **A presença da mulher negra na universidade pública brasileira: de quem estamos falando?**

Douglas Manoel Antonio de Abreu Pestana dos Santos

A inter-relação entre os sujeitos da educação e seu microcosmo profissional, familiar e escolar é um ponto fundamental de análise e está intrinsecamente ligada às condições que favorecem ou dificultam a permanência e o sucesso dessas mulheres na universidade brasileira. Como elas conseguem equilibrar as demandas do lar, do trabalho e dos estudos, e de que forma o ambiente acadêmico afeta seu desempenho no mercado de trabalho e vice-versa, são perguntas cruciais para entender a interseção de suas experiências e a importância de promover uma educação superior mais inclusiva e igualitária.

### **À Guisa de uma conclusão em prol das mulheres na universidade – (Nós) como Lugar de Enunciação**

Esqueci-me no tempo. Perdido na selva de neurônios entrelaçados em pequenas fagulhas elétricas...  
(Santos, 2022)

Este artigo nos convidou a considerar várias questões importantes relacionadas ao conhecimento, representação e experiência das mulheres negras no contexto do pensamento feminista negro e na academia brasileira. Todas as pautas são urgentes e o lugar de fala é para todos.

É preciso valorizar as Experiências Singulares e com isso cabe enfatizar a importância de valorizar e reconhecer as experiências singulares das mulheres negras, mesmo que haja sobreposições com as experiências de mulheres brancas, as dimensões únicas do sexismo e do racismo que as mulheres negras enfrentam devem ser levadas em consideração. Isso destaca a necessidade de uma abordagem interseccional mais sensível.

O Protagonismo e Responsabilidade precisam deixar de ser meras palavras que se estampam em camisetas. O protagonismo das mulheres negras nas lutas por direitos é destacado como crucial para a construção de conhecimento e ferramentas de mudança social informadas por suas próprias experiências. No entanto, isso não significa que o pensamento feminista negro deva ser exclusivamente informado por mulheres negras,





## **A presença da mulher negra na universidade pública brasileira: de quem estamos falando?**

Douglas Manoel Antonio de Abreu Pestana dos Santos

mas sim que a responsabilidade por definir a realidade de cada pessoa deve ser atribuída a quem vivencia essas realidades.

A entrada de um maior contingente de negras e indígenas nos programas de pós-graduação nas Ciências Sociais e Humanas, devido a políticas de reservas de vagas, é vista como uma entrada política. Isso amplia as perspectivas e promove a diversidade na academia.

Não se pode abaixar a guarda pois como os efeitos da colonialidade ainda persistem no cotidiano acadêmico, resultando em processos de seleção eurocentrados e sub-representação não branca. Isso cria uma dinâmica de silenciamento epistêmico que é prejudicial para a diversidade e a produção de conhecimento mais inclusivo.

O (Nós) como Lugar de Enunciação e a ideia de circunscrever um pesado "nós" como lugar de enunciação para mulheres negras é fundamental. Isso implica na construção de um espaço onde suas vozes e experiências sejam valorizadas e onde eles não precisem se autorizar nos moldes tradicionais do espaço acadêmico. O pensamento que emerge dessas reflexões articula teoria e ativismo, buscando um entendimento profundo da experiência negra e sua transformação.

Com isso ressalto a importância da temporalidade nas reflexões sobre as experiências negras. A presença de coletivos de pesquisadores negros impõe uma acusação de negligência e silenciamento ao campo acadêmico brasileiro, destacando a necessidade de mudanças urgentes para uma academia mais inclusiva e representativa.

A mulher negra a que faço referência ao discutir sua presença na universidade pública brasileira é aquela que carrega consigo uma identidade racial negra, ou seja, uma mulher que se identifica como pertencente ao grupo étnico negro ou afrodescendente. Essa identidade é baseada em características físicas, históricas e culturais subjetivas e singulares.

É a mulher negra, em termos de representação étnica e racial, aquela cuja ancestralidade remonta à diáspora africana no Brasil, seja através da escravidão, seja devido a migrações ou outras formas de movimento populacional. É uma mulher que, em



## A presença da mulher negra na universidade pública brasileira: de quem estamos falando?

Douglas Manoel Antonio de Abreu Pestana dos Santos

muitos casos, enfrenta desafios específicos relacionados ao racismo estrutural, à discriminação racial e às desigualdades sociais historicamente associadas às pessoas negras. É a mulher negra que detém a necessidade de garantias de acesso, a permanência e o sucesso acadêmico das mulheres negras nesses espaços, bem como de reconhecer sua contribuição única para o ambiente acadêmico e para a sociedade como um todo. É a mulher que luta por igualdade de oportunidades e o combate às desigualdades raciais historicamente enraizadas no sistema educacional brasileiro.

Para onde vamos acaso essa discussão não possa prosseguir dentro e fora das universidades?

### Referências

Bairros, Luiza. Nossos feminismos revisitados. **Revista Estudos Feministas**, v. 3, n. 2, p. 458-63, 1995.

Carneiro, Sueli. Mulheres em movimento. **Estudos Avançados**, v. 17, n. 49, p. 117-133, 2003a.

Carneiro, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. **Racismos contemporâneos**, v. 17, n. 49, p. 49 -58, 2003b.

Carneiro, Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Tese (Doutorado em Educação), São Paulo: Universidade de São Paulo - USP, São Paulo, 2005.

Carby, Hazel V. White woman listen! Black feminism and the boundaries of sisterhood. *In: The empire strikes back: race and racism in 70's Britain*. Centre for Contemporary Cultural Studies. Londres: Routledge, 1982.

Davis, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

hooks, bell. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. **Revista Brasileira de Ciência Política**, v. 16, p. 193- 210, 2015.

hooks, bell. **Teoria feminista**. São Paulo: Editora Perspectiva SA, 2020.



## A presença da mulher negra na universidade pública brasileira: de quem estamos falando?

Douglas Manoel Antonio de Abreu Pestana dos Santos

Santos, Douglas M. A. de A. P. Fluid times with memories in a dropper. **Simbiótica**, v. 9, n. 1, p. 126-129, 2022. <https://doi.org/10.47456/simbitica.v9i1.38304>

Venturini, Anna. Pergunte a um pesquisador. **Nexo Jornal** [online], 2021.